

# William James por David Lapoujade

Bruno Fabri

*Doutorando em Comunicação e Cultura (UFRJ)*

**Resenha de:**

LAPOUJADE, David. **William James, a construção da experiência.** Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.





*William James no Brasil (por volta de 1866)*

A extensa obra de William James (1842-1910), filósofo, psicólogo e professor estadunidense, foi intensamente comentada pelo filósofo francês David Lapoujade, no compacto volume *William James, a construção da experiência* (São Paulo: n-1 edições, 2017, 125 páginas, tradução de Hortência Santos Lencastre). Volume breve mas não menos complexo por isso: temos em mãos o livro de um profundo conhecedor de um dos criadores do método de investigação denominado Pragmatismo (*Pragmatism*), que tem em Charles Sanders Peirce o seu mais famoso expoente, ao menos entre nós, no Brasil.<sup>1</sup> A tradução do livro de Lapoujade vem ajudar a suprir uma grande falta editorial de um dos mais potentes e prolíficos (mas em contrapartida, um dos menos divulgados) pensadores do final do século XIX e início do século XX<sup>2</sup>: entre os brasileiros, em certos círculos

---

<sup>1</sup> Quando do rompimento entre William James e Charles S. Peirce, este rebatizou, no interior de sua obra, a ideia de Pragmatismo (*Pragmatism*), criando o termo Pragmaticismo (*Pragmaticism*); consequência disso não é apenas o distanciamento do antigo colega: a partir de então, Peirce se enveredou mais pela lógica e menos pela filosofia.

<sup>2</sup> No Brasil as traduções de William James resumem-se a um volume da coleção "Os Pensadores", único livro que contém, integralmente, suas conferências sobre o Pragmatismo (*O Pragmatismo e outros textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973), *As variedades da experiência religiosa* (São Paulo: Cultrix, 1991), *Vale a pena viver?* (São Paulo: Nós, 2018) palestra sobre o suicídio e a valorização da vida num período em que o

intelectuais e literários, ele é mais conhecido por ser o irmão mais velho do grande romancista Henry James, autor de *A outra volta do parafuso*, *Pelos olhos de Maisie*, *O retrato de uma senhora* e outros romances realistas que flertam com a psicologia dos personagens face ao desconhecido, e não como um dos mais originais e complexos pensadores de sua época, que podemos equiparar, sem maiores temores em sermos induzidos a erro, a nomes como Friedrich Nietzsche, Henri Bergson e, um pouco mais tarde, Sigmund Freud e Walter Benjamin. Sua grande obra fala por si, e David Lapoujade demonstra tal qualidade ao retratar e discutir a extensão, profundidade e criatividade conceitual de James: desde o método empregado (o Pragmatismo), que sustenta o seu sistema filosófico, o Empirismo radical (*Radical Empiricism*) e suas consequências fundamentais para a filosofia e para a psicologia.<sup>3</sup>

*Sejamos pragmáticos.* Tal sentença comumente nos remete a uma espécie de *negação*. Renunciamos à nossa potência de intervenção na realidade, assim, nos anulando enquanto sujeitos-para-a-ação: ser "pragmático", ou empregar o termo "pragmatismo" é, em seu uso mais vulgar, aceitar um caminho mais "realista" no sentido de conformar-se ao status quo, qualquer que seja ele, como uma via mais rápida para a solução de problemas que se nos apresentam e que nos exigem mais tempo de elaboração e de imaginação para solucioná-los. O liberalismo econômico e a chamada *realpolitik* no campo político são alguns exemplos retirados de um senso comum altamente prejudiciais sobre o Pragmatismo como método que domina as ações de certos atores sociais como os economistas, os políticos e os operadores do direito, recaindo de forma fatal em nosso cotidiano, baseado quase sempre em ações repetidamente amesquinhadoras: nos recusamos a pensar devido a nossa impotência, pois subsumidos a formas pré-estabelecidas que se interpõem entre nós e o mundo. Nossa *interface* com o mundo é estabelecido por categorias a priori, formas que nos antecedem, por conta de nossa

---

ato de suicidar-se era alarmantemente crescente entre alunos das universidades estadunidenses e européias, e *O Brasil no olhar de William James* (São Paulo: Edusp, 2010) com trechos de seus diários sobre sua expedição pela Amazônia entre 1865 e 1866. Todas essas traduções encontram-se esgotadas ou distribuídas de forma precária. Parcela esmagadora de sua obra continua sem tradução para o português brasileiro, entre eles o compêndio de psicologia *The Principles of Psychology* (1890), sua principal obra, onde o "Fluxo de consciência" (*Stream Of Consciousness*), a mais influente de suas invenções conceituais, é pela primeira vez enunciada e completamente desenvolvida.

<sup>3</sup> Certamente menos para esta e mais para aquela, posto que William James nem sequer inaugurou uma clínica própria até onde pudemos averiguar; e sua influência no campo da psicologia francamente desconhecemos, tirante o conceito de "fluxo de consciência" que mais tarde foi apropriado e bastante modificado por Sigmund Freud para a psicanálise e, posteriormente, pelo Surrealismo no campo das artes.

cultura, em especial o cristianismo, que tem por trás de si toda uma tradição filosófica transcendentalista que o sustenta (de Sócrates a Habermas, passando por Kant e suas séries de faculdades, imperativos categóricos e formalismos transcendentais) e que recusa *este* mundo, com toda sua sua riqueza imanente, em nome de um *outro* mundo, impalpável, virtualmente inexistente. Sobreponha-se a toda esta carga cultural, as investidas cada vez mais implacáveis do Capital, hoje, já na época de sua reprodutibilidade digital.

Ora, a este estado de coisas, já bem problemático, o *pragmatista* William James vem adicionar uma "crise da ação" do sujeito moderno. James teve diante de si uma época em que as formas de vida mudaram de forma tão rápida que a sensibilidade coletiva entrou em colapso devido ao hiperestímulo a que os cidadãos dos grandes centros populacionais do século XIX foram cobaias e ao mesmo tempo consumidores. A inédita e enorme concentração populacional em metrópoles e grandes cidades por conta da concentração industrial em grandes centros europeus e estadunidenses, o trabalho mal remunerado e degradante, a mobilidade urbana, o surgimento das tecnologias da imagem e informação (jornais de grande circulação, a fotografia e mais tarde, o cinema) e mesmo a iluminação noturna a gás e posteriormente a eletricidade... Essa época foi o grande ponto de inflexão da experiência humana em toda sua história. Este caminho sem volta com certeza conduziu as pesquisas de William James, foi sua chave-mestra: a cidadã ou o cidadão "insensível" nem sequer mais acredita em qualquer coisa e nem o pode mais: trata-se de um farrapo humano. Neste contexto extremo *como confiar* neste mundo, haja vista que os signos do alto capitalismo nos apartam de tudo e de todos, jogando-nos na vala comum do individualismo burguês?<sup>4</sup>

A resposta de James é a criação de uma espécie de filosofia da imanência, o Empirismo radical. Nas palavras de Lapoujade, "A tarefa da filosofia (em James) não é, portanto, procurar o verdadeiro ou o racional, e sim nos dar razões para acreditar neste mundo, *assim como o religioso encontra razões para acreditar num outro mundo*."<sup>5</sup> Para tanto, o Empirismo radical faz uso do Pragmatismo que, de acordo com David Lapoujade,

---

<sup>4</sup> Questões que inquietaram diversos pensadores que vieram somente depois de James, como Sigmund Freud, principalmente no ensaio "Além do princípio do prazer"; e mais fortemente em Walter Benjamin, cuja problemática da experiência perpassa toda a sua obra de maneira crescente.

<sup>5</sup> LAPOUJADE, 2017, p. 16. Grifos nossos.

é uma "ferramenta de construção", portanto um método, mas ao mesmo tempo, também uma "teoria genética da verdade". Mas a filosofia como tal, para James, não é a recusa em procurar o "verdadeiro e o racional"? Porque o Pragmatismo seria também mais uma teoria da verdade, pior, ela mesma uma teoria *genética*? Segue-se que o Pragmatismo de James constrói e desconstrói mundos, e, claro, termos. William James, com franca desenvoltura, retira do firmamento das ideias algumas de suas mais sólidas formas, tornando-as puros fluxos. Para ele, a "Verdade", assim como "Saúde", "Força", "Riqueza", "Potência", etc, é sobretudo um *processo*. Mais especificamente, um "nome coletivo para processos de verificação". Assim, o pragmatismo "se dirige àquele que, num domínio ou no outro, não consegue mais agir, àquele para que a ação constitui um problema ou um risco. Ora, só podemos nos arriscar se tivermos *confiança*."<sup>6</sup> O Pragmatismo impulsiona, mas exige de nós confiança. Essa confiança nos tira da inação, mas nos joga na indeterminação dos devires.

O Empirismo radical é uma filosofia em movimento. Aliás, o movimento do conceito é condição *sine qua non* para a sua realização. Através do Pragmatismo, é função da filosofia destacar os movimentos e criticar as formas: o homem só se produz ao mesmo tempo em que produz o mundo e desconstrói as formas pré-existentes, algo que está se produzindo *agora*, no ponto infinitesimal do tempo presente, como se escrevêssemos eternamente no *gerúndio*: experimentando, criando, criticando, amando, seguindo por esta senda sem fim antes de se transformarem em "hábitos tranquilos", ou seja, formas bem delineadas: "Mas antes de se tornarem atos tranquilos, foram primeiro experimentações (...) é esse momento que interessa a James."<sup>7</sup> Além disso cabe aqui outra particularidade: o Pragmatismo enquanto tal não muda nada, não cria um mundo em que possamos acreditar se o nosso acervo de signos não forem permanentemente produzidos e reproduzidos de forma contínua. Dessa forma, o Empirismo radical surge como uma espécie de manancial de signos "mundanos", fazendo com que o Pragmatismo atue como um "curador" destes signos por assim dizer. É através da empiria mais imediata que o Pragmatismo vai colocar em movimento a Ação e o Pensamento humanos de forma individual e coletiva: assim, este "agenciamento" nos ajuda a escolher, entre ideias, religiões, crenças, filosofias, aquelas que mais favorecem a nossa potência de agir

---

<sup>6</sup> LAPOUJADE, 2017, p. 27.

<sup>7</sup> LAPOUJADE, 2017, p. 14.

(pensamento) e nossa ação. Nossas escolhas teóricas devem sempre provocar uma determinada ação que seja a mais potente possível.

### **Transcendentalismo: o *Over-Soul* e as origens do Pragmatismo de James**

Uma corrente filosófica eminentemente estadunidense, o "transcendentalismo", influenciou toda a obra de James: seu pai, Henry James Sr., também filósofo, foi adepto desta corrente de pensamento que podemos definir quase que como "autóctone" da província norte-americana. Trata-se de uma espécie de "romantismo da América do Norte", mas com traços muito originais. Nele, o indivíduo deve confiar em si mesmo e nas forças da natureza; mas ao mesmo tempo, deve ser avesso ao conformismo geral. Podemos colocar entre os grandes transcendentalistas figuras como Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau (autor de obras revolucionárias como *Walden* e *A desobediência civil*). "A confiança (no Transcendentalismo) é inseparável de uma união romântica com o Todo."<sup>8</sup> Daqui que surge a ideia de "Supra-alma" (*Over-Soul*) inventada por Emerson: não há confiança em si se não há confiança na natureza, nos outros e em Deus de forma inseparável; como se fosse um triângulo equilátero na qual estes três pontos tivessem a mesma importância. O Pragmatismo é – sem dúvida – devedor do Transcendentalismo, mas rompe com ele no que toca ao "divino", pois isto não mais diria respeito ao homem moderno, graças à influência das ciências. A ciência, para James, trouxe para o pensamento o pluralismo e isto é fundamental daqui por diante: o "caos" revelado pela ciência; "Há uma inocência, um otimismo confiante do qual nós, modernos, não somos mais capazes."<sup>9</sup>

Portanto, o "triângulo" do Transcendentalismo sofre uma modificação: a pluralidade proporcionada pela investigação científica vem retirar o "divino" desta tríade, pois ele mesmo é uma forma a priori que ameaçaria a pluralidade do todo. Em outras palavras: é a viabilização da pluralidade sem amarras ao subtrairmos o uno do múltiplo (n-1): "(...) qual é a particularidade do pluralismo que nos faz agir? E, em correlação; o que é que falta às outras filosofias para produzir o mesmo efeito?"<sup>10</sup> A crença a partir de

---

<sup>8</sup> LAPOUJADE, 2017, p.15.

<sup>9</sup> LAPOUJADE, 2017, p. 17.

<sup>10</sup> LAPOUJADE, 2017, p. 35.

agora, choca-se com a crença em Deus ou num ideal, qualquer que ele seja, pois esta – modernamente – diminui à medida em que o indivíduo confia em si, nos outros e na natureza (puros processos ou fluxos).

Os signos através dos quais compreendo o que o outro diz não são os mesmos através dos quais acredito no que é dito (...) Da mesma forma, quando dizemos que não conseguimos mais acreditar neste mundo, isso significa na realidade que deixamos de acreditar em certos signos que fazem com que ele exista para nós. *Nesse sentido, o pragmatismo precisa de uma nova teoria dos signos (o Empirismo radical).*<sup>11</sup>

Mas não sejamos tolos em achar que isto se dá sem grandes traumas. A crise do indivíduo vem ela mesma, também, dessa subtração fundamental, basta lembrarmos de Nietzsche e a morte de Deus, crise enunciada por um "louco" pela primeira vez em *A gaia ciência* (1882) livro lançado contemporaneamente ao período mais produtivo de James, fazendo com que o mundo perca a sua significação. Trata-se do dismantelamento dos nós e das linhas que formam o fluxo de nossa consciência, pois, como dito anteriormente, a consciência, para James é puro fluxo cambiante (quantitativa e qualitativamente), algo dinâmico, que muda de tamanho sem parar. A consciência não é uma substância, muito menos um tipo de "reflexão": isto de forma alguma concorda com a teoria de James. Ele parte de um outro *topos*: "a consciência é o movimento daquilo que se torna consciente." E como o movimento passa a se tornar consciente? Como despertamos para a consciência? Os fluxos que formam a nossa consciência possuem uma forma "pré-consciente" (no sentido de *anterior* temporalmente e não de forma freudiana que possui uma topologia inteiramente diferente: na verdade, contígua ao consciente), por assim dizer. Aquilo que James batizou como "Experiência pura", sobre o qual falaremos no próximo tópico.

---

<sup>11</sup> LAPOUJADE: 2017, p. 36. Grifos nossos.

## O mundo: um manancial de signos

*O mundo está se fazendo e por se fazer: "... exigência moral do devir (...) o mundo não se faz sem estar ao mesmo tempo por se fazer".<sup>12</sup> Esse tipo de "moral" surge no momento mesmo em que o Empirismo radical se coloca em movimento: a única exigência mais próxima de uma moral que a filosofia de William James exige, Uma exigência bastante palpável, haja vista que nosso mundo é um manancial de signos. Da mesma forma que as "notas" de cores para um pintor e musicais para um músico, o mais profundo em nossas existências está na superfície; através das notas dos signos é que nos guiamos: pela música e pelas cores dos signos *deste mundo* é que desconstruímos e construímos – de forma contínua – este mesmo mundo. Somente na superfície dos signos é que existe o mais profundo em nossa crença: "Pois é só em signos que podemos ou não confiar – mas em signos específicos que o método pragmatista deve permitir encontrar."<sup>13</sup> *É na música e nas cores do mundo é que devemos depositar nossa crença.**

Mas este manancial de signos não necessita de um ego transcendental para existir: trata-se de algo que vem antes do despertar de nossa consciência, o que James batizou como "Experiência pura": ela está presente em situações onde a consciência ainda não apareceu ou onde ela simplesmente se esfumou... No bebê recém-nascido, no bêbado que momentaneamente perde os sentidos, mas também naquele ponto infinitesimal do tempo de agora do qual nós mal nos damos conta. Aqui, a teoria de James se cruza com a de Henri Bergson. Inclusive tal influência mútua foi objeto de diversas cartas trocadas entre os filósofos. Este ponto da experiência não possui um "eu" para lhe dar um valor de "verdade". ele apenas *é*. Ele como tal já pensa, *mas pensa como puro fluxo*, muito antes do advento da consciência.

Isso soa para nós de maneira difícil, uma forma de pensar contra-intuitiva: como algo pode ser experimentado sem que haja um "eu"? Ora, se hoje criticamos o ego transcendental como uma herança problemática da filosofia moderna (afinal, quem consegue demonstrar de maneira satisfatória o *cogito* cartesiano se nem o próprio Descartes conseguiu?), porque seria difícil demonstrar a Experiência pura sem um ego?

---

<sup>12</sup> LAPOUJADE, 2017, p. 55.

<sup>13</sup> LAPOUJADE, 2017, p. 17.



Afinal, parece-nos, o ego, sua presença, é que é o problema e não a sua ausência, ao menos em termos bastante pragmáticos.

*A consciência parte da experiência e não o contrário*; ou melhor é na Experiência pura é que se formam, sob a influência e as sobreposições da cultura, as figuras da experiência mais ordinárias, entre elas o próprio "eu". A consciência surge de um choque em que o momento da verdade, para um determinado sujeito surge: não é exatamente um choque do sensível, do mundo físico e cultural, mas das linhas e dos nós da Experiência pura que vão formar os primeiros feixes da consciência. O tempo presente nada mais é do que este momento tão fugidio, ainda pré-consciente, que determina para nós a verdade do que está ao nosso redor, mas a verdade como um processo; é a partir dela que experimentamos a verdade que melhor nos satisfaça. Satisfação não no sentido sensorial, mas matemático mesmo, como numa equação: determinado termo, digamos "*a*", *satisfaz* uma tal ou qual equação. É dessa forma que "criamos" verdades que melhor formem, não universais, mas perspectivas. Há uma verdade para cada um, mas não uma verdade que seja mais verdadeira que as outras, ao contrário: todas elas são *plenivalentes*, são perspectivas, possuem valores diferentes mas sem entrar num inferno de hierarquias. Elas são diferentes entre si, mas são dialógicas, se colocam numa mesma arena do comum. Afinal, elas são frutos do mesmo manancial de signos que as alimentam: *este* mundo.

O Pragmatismo é uma poderosa ferramenta para pensarmos o mundo, principalmente o mundo político, não como uma sequência interminável de verdades históricas inquebrantáveis, mas como um mundo eternamente cambiante, cujas possibilidades são impossíveis de determinar. E não é preciso apelar para o Reino dos Céus, para a Metafísica, para a Ciência Histórica, para o Ego transcendental que habitam outros mundos: é sobretudo no aqui e no agora é que fazemos política. Em tempos de crise como o nosso, o apelo a velhos símbolos surgem como uma tábua de salvação, e lutar contra toda essa carga cultural é uma luta difícil, mas plenamente possível. Não só as velhas bandeiras vermelhas ou verde e amarelas é que devem colorir nossos movimentos e nosso imaginário, mas também as cores do arco-íris dos LGBTQ+, o roxo e rosa dos transexuais, fora o verde e o rosa da Mangueira e o laranja e azul dos garis... Simbolicamente existem infinitos mundos e a política também é simbologia, signos, música e cores. Viva!